

QUINTA-FEIRA • 12 DE JANEIRO DE 2017

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31277 de 12 de Janeiro de 2017, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

REPORTAGEM

AMAR COMO QUEM RESPIRA

— P. 4-5 —

O PAPA QUE NÃO GOSTAVA DE VIAJAR

No passado dia 10 de Janeiro foi lançado o livro “In Viaggio” (Em Viagem), da autoria de Andrea Tornielli, que relata as viagens internacionais de Bergoglio enquanto Papa Francisco.

Em quase 50 meses de pontificado, Francisco fez 17 viagens internacionais, visitando o Brasil, Jordânia, Israel, Palestina, Coreia do Sul, Turquia, Sri Lanka, Filipinas, Equador, Bolívia, Paraguai, Cuba e Estados Unidos da América, Quênia, Uganda, República Centro-Africana, México, Arménia, Polónia, Geórgia, Azerbaijão e Suécia, bem como as cidades de Estrasburgo, em França, Tíra (Albânia), Sarajevo, na Bósnia-Herzegovina e a ilha de Lesbos, na Grécia.

Surpreendentemente, e apesar do elevado número de deslocações, o Pontífice admitiu não gostar muito de viajar. Foi numa das 12 viagens a Itália, mais concretamente à ilha de Lampedusa, a primeira viagem durante o pontificado, que sentiu que “tinha de ir” ao encontro das pessoas. “A primeira viagem foi para Lampedusa. Uma viagem italiana. Não estava no programa, não havia convites oficiais. Senti que tinha de ir, pois as notícias sobre os imigrantes mortos no mar, afogados, tinham-me tocado e comovido muito. Crianças, mulheres, jovens... Uma

tragédia angustiante. Vi as imagens do resgate dos sobreviventes e recebi as testemunhas dos acontecimentos sobre a generosidade e hospitalidade dos habitantes de Lampedusa. Era importante ir até lá”, confessou o Santo Padre a Tornielli num capítulo do livro que apresenta uma entrevista a Francisco.



Depois de Lampedusa, veio a viagem ao Rio de Janeiro, à Jornada Mundial da Juventude, um compromisso pré-agendado ao qual não poderia faltar. “Depois do Rio, veio outro convite e depois outro. Simplesmente respondi que sim, deixando-me, de certa forma, «levar». E agora sinto que preciso de viajar, ir visitar as igrejas e estimular as sementes da esperança que existem por lá”, adiantou.

Na mesma entrevista, o Papa admite que as viagens o desgastam bastante, sobretudo a nível psicológico, mas que por agora se sente absolutamente capaz de as realizar, até porque são sempre uma “riqueza inimaginável”.

Uma das alterações que Francisco introduziu em relação às viagens dos anteriores Papas foi a eliminação

aquilo que sente depois de cada viagem. “Levo-as [as pessoas] no meu coração, rezo por elas, rezo pelas situações dolorosas e difíceis com as quais entrei em contacto. Rezo para que as desigualdades que vi sejam reduzidas”, afirmou.

Sobre o facto de apenas ter visitado um país pertencente à União Europeia (UE), a Grécia, Francisco justificou-se dizendo que prefere privilegiar países onde possa “dar uma pequena ajuda, países que estão ou estiveram em sérias dificuldades”. Apesar disso, lembrou as visitas ao Parlamento Europeu e ao Conselho da Europa, bem como à Albânia e Bósnia-Herzegovina, países europeus apesar de não fazerem parte da UE.

Sobre os protocolos relacionados com a segurança, outra modificação durante este pontificado, a resposta de Francisco foi peremptória.

“Não consigo andar em carros blindados ou no papamóvel com janelas fechadas e blindadas. Compreendo muito bem as exigências de segurança e agradeço a todos aqueles que, com dedicação e muito esforço durante as viagens se mantêm perto de mim, protegendo-me. Mas um bispo é um pastor, um padre, e não podem existir muitas barreiras entre ele e as pessoas (...) De qualquer forma, estou sempre com o Senhor”, realçou, dizendo que o preocupa mais a segurança dos que o acompanham e daqueles que o acolhem.



PAPA FRANCISCO @pontifex_pt

11 de Janeiro de 2017

Cada um pode contribuir para uma cultura de misericórdia, para a qual ninguém olhe para o outro com indiferença.

10 de Janeiro de 2017

Espero que possam aumentar entre os nossos países e seus povos as ocasiões para trabalhar juntos e construir uma paz autêntica.

09 de Janeiro de 2017

Não pode existir paz verdadeira, se cada um reclama sempre e somente o próprio direito, sem se preocupar com o bem dos outros.

09 de Janeiro de 2017

Que a Virgem Maria nos ajude a seguir Jesus no caminho da fé e da caridade, o caminho traçado pelo nosso Batismo.



MORREU DANIEL SERRÃO, "PIONEIRO" NA ÁREA DA BIOÉTICA

O médico português Daniel Serrão, membro honorário da Academia Pontifícia para a Vida, professor catedrático e investigador, faleceu no passado Domingo, vítima de problemas respiratórios decorrentes de um atropelamento sofrido em 2014. O Presidente da República referiu-se a Daniel Serrão como uma “personalidade de assinalável dimensão cultural, um professor e investigador notável” e lembrou o seu “papel pioneiro” para a importância académica e a autonomia disciplinar da Bioética.



ECUMENISMO: FÓRUM EUROPEU CATÓLICO-ORTODOXO EM PARIS

O Conselho das Conferências Episcopais da Europa (CCEE) promoveu, desde o dia 09 de Janeiro até ao dia de hoje, o V Fórum Europeu Católico-Ortodoxo que visou o debate sobre o diálogo ecuménico. Esta edição contou com a participação de 12 representantes das Igrejas Ortodoxas na Europa e de 12 delegados da Igreja Católica. O objectivo da iniciativa passou por reflectir sobre a “actualidade, o papel do cristianismo e do diálogo ecuménico e sobre o valor da pessoa e a liberdade religiosa”, pode ler-se na página do CCEE, organismo criado por D. Angelo Bagnasco.



FRIO: PAPA FRANCISCO PEDE AJUDA PARA QUEM VIVE NA RUA

Devido à vaga polar de frio que assolou vários países da Europa, o Papa Francisco apelou à solidariedade para com quem vive na rua. “Nestes dias de tanto frio, penso e convido-vos a pensar em todas as pessoas que vivem na rua, atingidas pelo frio e tantas vezes pela indiferença”, disse durante o Ângelus de 08 de Janeiro. Entretanto, os dormitórios geridos pelo Vaticano em Roma estarão abertos 24 horas por dia para oferecer um espaço aquecido e alimentação, mesmo que todas as camas estejam ocupadas.

“EU NUNCA FUI A BARCELONA”



MIGUEL MIRANDA

PADRE

Às vezes lembro-me do Arantes – a gente tratava-o assim, pelo apelido, porque, basicamente, o achávamos engraçado (o apelido, bem entendido). Longe estava eu de imaginar que, anos mais tarde, viria parar a uma paróquia em que os Arantes são “mais do que as mães”. Adiante – não divaguemos, embora isso hoje seja aqui, como diria qualquer topógrafo, um risco calculado. Não me lembro do Arantes “por dá cá aquela palha”, não senhor. Lembro-me dele, é curioso, naquela circunstância bem concreta.

Estávamos no fim dos anos 80 e eu cursava Comunicação Social na Escola Superior de Jornalismo do Porto. Um dia, num intervalo entre aulas (ou numa gazeta, lembro-me lá eu – e só trago à colação a palavra gazeta porque é por excelência jornalística) reparei que se formava espontaneamente, junto à palmeira do pátio, uma roda à volta do Arantes. Eram cada vez mais os que, curiosos, se aproximavam. Aproximei-me também. E qual era o motivo de



tanta agitação? O Arantes discursava apaixonadamente sobre Barcelona. Todos o ouvíamos maravilhados (mas atenção que nesses tempos, mesmo não indo à Missa, eu sabia que o Arantes não era o Messias). Alguns quase fechavam os olhos para, como quem viaja através da mente, se deixarem partir para Barcelona. A descrição era fantástica, soberba, de uma plasticidade tocante. Até que, ao fim de um ror de tempo, o Arantes confessa sem um pinga de vergonha

naquela cara – “eu nunca fui a Barcelona”.

Vem este arengar todo a propósito da crónica deste dia. Tenho dois filmes de que vos quero falar. Mas não vi um nem outro e, muito sinceramente, não quero fazer como o Arantes. Um estreou na semana passada (“Manchester by the sea”) e valeu há dias a Casey Affleck o Globo de Ouro para Melhor Actor; o outro, o último Scorsese, baseado no romance homónimo do grande Shusaku Endo (“Silêncio”) estreia na semana que vem. O tempo para ir a salas de cinema ver filmes em grande ecrã escasseia; ainda por cima, o panorama da exibição em Braga ou Guimarães é pior do que confrangedor. Muito poderia ser agora aqui divagado acerca das alternativas de visionamento; mas depois ia ser novamente repreendido por escrever muito (muitos caracteres), e não estou para isso. O bom Pe. José Maria Brito, SJ (que não tenho o gosto de conhecer pessoalmente) ainda me telefonou duas vezes, apresentando-me três datas alternativas para assistir à antestreia do “Silêncio”. Mas nem iam a tempo deste pseudo-texto de cinema nem sequer eram/são para mim datas viáveis. Por isso olha, desta vez vai uma coisa mais informativa, para desopilar. E quanto ao que aí vem depois logo se vê.

Os filmes em questão atraem pelas referências. Em registo indie norte-americano (escola Festival de Sundance), “Manchester by the sea”, realizado por Kenneth Lonergan, traz-nos a vida de um operário de Boston, que vira do avesso quando ele regressa à cidade natal para cuidar do sobrinho adolescente, acabado de ficar órfão. O amor familiar, o sentido de comunidade, o sacrifício, a perda e a esperança são portos por onde passa a acção do filme, ambientado em vila piscatória.

Já “Silêncio” apresenta a saga da evangelização jesuítica do Japão do séc. XVII, num momento fulgurante da História de Portugal. Os desafios que a missão coloca à própria fé dos evangelizadores estão bem presentes num filme baseado no romance homónimo (1966) do escritor japonês Shusaku Endo, autor, também do belíssimo, “Uma Vida de Jesus” (1978).

E por aqui me fico. Ah, nem a história apresentada acima é ficção nem o Arantes o é (que o diga Joanne K. Rowling – essa mesma, a autora dos Harry Potter –, com quem foi casado).

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA MISSIONÁRIA



MARIA JOSÉ

IRMÃ TERESIANA

Uma Obra Missionária Pontifícia que abriu os seus horizontes para o mundo inteiro. Hoje, em todos os cantos do mundo, existe este trabalho missionário realizado pelas crianças. Tem como finalidade suscitar o espírito missionário universal nas crianças, “desenvolvendo-lhes o protagonismo na solidariedade e na evangelização”. O seu lema é “Crianças ajudam e evangelizam crianças”.



Sendo um movimento missionário, educa as crianças no crescimento da fé, inserindo-as nas actividades missionárias numa dimensão universal. Pelo compromisso do baptismo, vivem no concreto a experiência da partilha, da entreejuda da fé e dos seus bens com todas as crianças do mundo.

Contemplan a beleza de um trabalho missionário é algo ainda mais encantador quando o acto de caridade é realizado por crianças e adolescentes. Com rapidez, as crianças aprendem e surpreendem pela capacidade de realizar de forma simples tarefas, muitas vezes complexas. No mês missionário que é também das crianças, é importante destacar o trabalho da Infância e Adolescência Missionária (IAM). A partir do lema: “Crianças evangelizam crianças”, elas no final das aulas e nos fins-de-semana correm e percorrem algumas distâncias para se juntarem nas paróquias, comunidades para realizarem as suas actividades

e ensaios para uma vivência mais profunda desse mês.

Na vida quotidiana têm os momentos de oração e de organização de actividades concretas, quinzenais e mensais, tendo alguns momentos fortes durante o ano.

Em Moçambique – Diocese de Lichinga, pude muitas vezes observar o empenho e o zelo que estas crianças tinham em participar nas actividades, momentos de oração, animação litúrgica, ajuda aos mais necessitados, assim como momentos lúdicos.

O espírito missionário universal faz com que a criança e o adolescente alcancem um fervor missionário e sintam a necessidade de pensar no outro, independentemente da religião.

O fundamental na IAM é fazer a criança ver o mundo com um olhar amigo, identificando no próximo um irmão, para criar um mundo mais fraterno.

Este serviço e partilha das crianças e adolescentes é algo contagiante que nos deixa fortes e nos dá muita esperança no dia-a-dia. Que bom seria se todas as


paróquias e comunidades abraçassem este serviço, onde as crianças são protagonistas da missão!

As crianças e adolescentes vêem as coisas com um olhar que os adultos muitas vezes esquecem como é ou não querem mesmo ver.

A missão das crianças e adolescentes é um caso de amor.

Assim, com a finalidade de trabalharmos esta Obra Missionária Pontifícia na Arquidiocese de Braga, o Centro Missionário Arquidiocesano de Braga (CMAB) irá realizar um encontro para catequistas e animadores de todas as paróquias sobre a Infância Missionária. Este evento realizar-se-á nos Serviços Centrais da Diocese, no dia 25 de Fevereiro, das 09h30 às 17h00 e será orientado pelo Pe. Mário Duenez Munoz, animador nacional da Infância Missionária.

Contamos com a vossa presença!



AMAR COMO QUEM RESPIRA



FLÁVIA BARBOSA
TEXTO



FILIPA CORREIA
FOTOGRAFIAS



ANA PINHEIRO
VIDEO

“Eu acho-a sempre gira. E pergunto-me muitas vezes o que é que ela viu em mim! Desde nova, sempre foi gira... era um «pão», como vocês dizem!”. A afirmação parte da boca de Elísio Portela enquanto olha a esposa, Raquel Portela, com o típico deslumbramento apaixonado dos jovens no olhar e no sorriso. Mas Elísio “já” tem 74 anos e Raquel 71. Caminham para 52 anos de matrimónio. Continuam apaixonados e “a namorar muito”.

NAMORAR TODOS OS DIAS

Conheceram-se quando Raquel tinha 15 anos, na despedida de solteiro de um amigo em comum. Simpatizaram naturalmente um com o outro. Ele achou-a linda e “cândida”. Ela achou-o “um cavalheiro” e bom rapaz. “Eu era muito nova, mas houve ali qualquer coisa que mexeu comigo”, sorri timidamente Raquel. Depois desse dia viram-se poucas vezes durante dois anos, até porque Elísio era do Porto. Só ao longe e muito de vez em quando. Um dia, ele encheu-se de coragem e foi ter com Raquel até à escola. Perguntou-lhe se a podia acompanhar a casa.

Conversaram todo o caminho. No fim, Elísio perguntou se podiam passar a fazer o mesmo mais vezes. Raquel respondeu afirmativamente. Cerca de três anos depois, casavam.

“Não foi difícil conquistá-la! (risos) A simpatia foi tanta que se foi desenvolvendo. E foi crescendo dentro de nós qualquer coisa que nos aproximou. E começámos a namorar... coisa que ainda hoje fazemos, ainda continuamos a namorar! É por isso que continuamos a dar-nos bem, a sermos alegres, felizes... Esse namoro tem durado toda a vida!”, afirma Elísio.

Raquel reitera a afirmação. Com três filhos e cinco netos, o casal consegue arranjar sempre tempo para namorar. Mas, como em todas as relações, também há desentendimentos e divergências de opinião.

“Como em todos os casais, há alturas em que um tem uma opinião e o outro, outra. Há aborrecimentos. **Mas nunca nos deitamos chateados, sem dar um beijinho ao outro e sem rezar, perdoando-nos mutuamente.**

Em 51 anos de matrimónio isso nunca falhou”, garante Elísio. A esposa prontamente remata: “e tudo passa”.

Nota-se que são diferentes: ele mais brincalhão e extrovertido, ela mais introspectiva e serena. Ambos dizem que a diferença é boa, só assim se podem complementar.

“Temos que ser diferentes para nos complementarmos. O homem é muito diferente da mulher, o homem vê o geral, a mulher vai ao pormenor. Mas há que ter em atenção os detalhes: a esposa gosta que o marido repare na jarra nova que enfeitou, que lhe diga que está bonita, que a comida está boa... Agora se chegamos a casa e não temos nada de bom para apontar, isso gera conflitos. E a pessoa tem de estar muito atenta ao outro, sempre, sempre! Por isso é que namoramos todos os dias”, explica Elísio. Raquel volta a concordar mas realça o factor “reciprocidade” na relação.

“O Elísio até é mais romântico. Eu entrego-me de uma forma mais calada, mais serena. Mas os elogios têm que ser mútuos, embora seja mais normal os homens esquecerem-se... A mulher é mais atenta! Mas namorar todos os dias, sim, sem dúvida. É preciso saber aproveitar a vida, usufruir do momento. Se o deixamos escapar, não o aproveitamos”, lembra.

Não são exigentes com a vida ou com o mundo. Ambos professores antes da aposentação, Elísio chegou a ser

convidado para trabalhar em locais que o afastariam de casa – com uma proposta de ordenado muito superior – mas recusou sempre. Ficam felizes por estarem simplesmente um com o outro, com os filhos ou com os netos. Adoram passear em conjunto: quando mais novos, faziam mais viagens ao estrangeiro. Hoje ficam-se pelos passeios mais próximos, **sempre de mão dada, na rua como na vida.** Outra coisa que não dispensam fazer em conjunto é rezar. “Sentir a presença de Deus em nós, enquanto casal, é muito bom. É essencial”, explica Raquel.

DIZER “O” SIM? O PRIMEIRO É O MAIS FÁCIL

A casa de Raquel e Elísio está repleta de fotografias. Vemos a celebração das bodas de prata e das bodas de ouro, o baptismo dos filhos e netos, pequenos fragmentos do dia-a-dia de cada um, aniversários, ocasiões especiais. Os sorrisos de todos acabam por colorir as paredes. É nesta altura que Raquel mais intervém. Fala da família com tom embevecido, tece elogios sinceros a filhos, noras, netos. Descreve-os como pessoas muito dadas aos outros – até as crianças –, como solidários e altruístas, despojados, simples, capazes de “tirar a camisa do corpo” pelo outro. Curiosamente, as mesmas palavras com que Elísio descreve a

esposa. Raquel está orgulhosa daquilo que construiu em conjunto com o marido. Percebemos uma família feliz, o que não significa que a vida tenha sido sempre um “mar de rosas”. **Mas o casal é novamente unânime: é nas dificuldades que se unem mais.**

“Não é com o «sim» do casamento que acaba o namoro. Esse dia, o primeiro, não custa nada. É o primeiro de muitos, porque nós todos os dias temos de renovar o sim. É a isso que eu chamo recorrer ao sacramento do matrimónio. **O sacramento, recorre-se a ele nas coisas do dia-a-dia, nas boas e nas más. É um namoro diário, de crescimento. E nunca está completo.** É sempre um caminho a percorrer”, explica Elísio.

O casal está ligado à Igreja desde sempre. Fazem parte das Equipas de Nossa Senhora, fizeram parte do Secretariado Diocesano de Catequese, deram palestras, orientaram casais, jovens e até ex-casais ou pessoas em vias de separação. Elísio é diácono permanente há 30 anos e Raquel é colaboradora na Equipa Sócio-Caritativa da Igreja dos Congregados. Ele teve que conjugar a diaconia com o trabalho e a família durante muitos anos. Ela apoiou-o sempre, embora não negue os “sacrifícios” que foram feitos, sobretudo quando os filhos eram mais pequenos.

“Posso dizer que connosco, quando houve dificuldades, foi quando nos unimos mais, quando mais fomos um para o outro e os dois para Deus, sempre. Com Deus no meio. Pondo Deus

no meio de nós, as coisas correm bem. Uma preocupação muito grande que temos tido é acolher casais separados ou que estão em vias de separação. As pessoas precisam de desabafar, de ser acolhidas e muitas vezes na Igreja temos dificuldade em acolher uma mãe solteira, um casal desavindo... Temos de pensar nisto: Deus acolhe a todos! Temos de saber acolher!...”, afirma convictamente Elísio.

Ambos consideram que um dos maiores factores para a elevada taxa de divórcios de hoje em dia está na falta de preparação para o matrimónio, o que consequentemente leva a fragilidades que facilmente podem levar a uma ruptura em situações de dificuldade.

“Hoje em dia há muitos divórcios e separações sobretudo porque não houve suficiente preparação para o matrimónio. Acho que os jovens não levam a sério aquilo que é a preparação para o casamento. Por exemplo, para os jovens tirarem um curso, empenham-se nele e depois têm sempre formação permanente. Para se ser casal tem que haver formação permanente também. E essa formação começa com essa preparação que é como que estudar o outro e estudá-lo em verdade. Os casais, enquanto namorados ou noivos, têm que ser sinceros, com abertura total sobre aquilo que são. Não pode haver mentira porque é uma preparação. Vão conhecer-se e se isso vai acontecer, tem que ser em verdade”, explica o diácono.

PROVAÇÕES TORNADAS EM BÊNÇÃOS

Ao longo de todo este tempo, o casal enfrentou inúmeras provações, sobretudo no que toca à saúde de Raquel. Queriam ter quatro filhos, os médicos disseram-lhes que não teriam nenhum. Depois de todos os tratamentos possíveis, os especialistas insistiram, garantiram que seria impossível. A certa altura, já de certa forma resignados, Elísio e Raquel meditaram sobre o sacrifício de Abraão.

“Começámos a pensar nisso e, de facto, nós não temos filhos porque os filhos não são nossos. Os filhos são de Deus. E nós não seríamos capazes de sacrificar o nosso... E se não seríamos capazes, o Senhor tinha razão em não nos deixar ter filhos. Então mudámos a nossa maneira de pensar. Nós, que queríamos quatro filhos, a partir daí comprometemo-nos a dedicar-nos aos filhos dos outros. Isto foi em Novembro. Em Fevereiro, a Raquel ficou grávida”, conta Elísio. Emociona-se, pede desculpa. Raquel sorri, de olhar perdido, recordando o momento.

Dessa gravidez, nasceu Catarina, a filha primogénita. Os pais não escondem o imenso carinho com que foi tratada, até porque seria filha única. Dois anos depois, sem que nada fizesse antever, Raquel engravidou de novo. Desta vez a gestação não corre tão bem. Quatro meses de repouso e muitos sustos pautaram a gravidez. Pelo caminho, Elísio sonha que mãe e filho morrem no hospital. Na hora do parto, tal como o pai havia sonhado, tudo corre mal e Raquel e o bebé, ainda por nascer, chegam ao hospital em situação crítica.

“Como eu era conhecido, deixaram-me entrar na sala de operações. Connosco estava um padre muito amigo, Barbosa Pinto, que me viu naquele estado, provavelmente branco como a cal, e disse-me para não assistir ao parto, se calhar com medo que eu desmaiasse. E eu disse-lhe, em desespero: «olhe, reze!». Passado um pouco olhei pelo óculo da porta e vi-o ajoelhado a um canto, efectivamente a rezar”, explica Elísio entre soluços.

acreditam que o amigo tenha trocado mesmo a sua vida pela do filho. Ainda se emocionam quando falam dele.

Mais um par de anos e Raquel volta a engravidar. Agora a gravidez é toda em repouso absoluto, sempre na cama, mas tudo acaba por correr bem e há mais um filho, Miguel, a nascer. A saúde de Raquel, ainda assim, continuou a passar por momentos difíceis. Um ano depois de dar à luz o terceiro filho, teve que ser operada. Numa ecografia depois da cirurgia, um médico que não conhecia o seu historial afirmava peremptoriamente que era impossível o casal ter tido um filho sequer. Teimava o médico – que argumentava com factos científicos, depois de avaliar Raquel –, teimava Elísio, que os tinha visto nascer. Foi o diácono a terminar a conversa: “Aquilo que os médicos não podem, a Deus tudo é possível.”

Aos 40 anos, Raquel é submetida a outra operação. Desta vez de urgência. Uma cirurgia de alto risco, mas absolutamente



Nasce Pedro, com o cordão umbilical enrolado no pescoço. O padre Barbosa Pinto continuava a rezar. O bebé chora e Elísio respira de alívio. Em vez de acompanhar o filho, continua na sala com Raquel, que a certa altura começa a desfalecer. Os batimentos cardíacos descem a pique, os médicos nervosos, Elísio em desespero. A esposa ia morrer mesmo ali, a seu lado. Olhou pela porta e o padre amigo continuava a rezar fervorosamente. De repente as tensões sobem, os batimentos cardíacos também, Raquel ganha cor. Salvam-se mãe e filho.

No baptizado de Pedro, o padre Barbosa Pinto escreveu no álbum de bebé: “Pedro, um dia, quando fores mais velho, não te esqueças daquele que ofereceu a sua vida por ti, para que tu nascecesses”. Pouco tempo depois, o sacerdote faleceu, com 42 anos, num acidente de viação. Elísio e Raquel

imperativa. Frágil como estava, muito dificilmente sobreviveria. Elísio teve que assinar um termo de responsabilidade e imaginar a sua vida sem a companheira de sempre. Um sufoco. Contra todas as expectativas, Raquel sobreviveu.

Raquel diz que não podia ter encontrado melhor companheiro. “É bondoso, sincero, amigo. Sinto-me mesmo feliz com ele, acho que não podia ter encontrado marido melhor”, afirma. Elísio diz que ela é “extraordinária”, a mais bela mulher do mundo. “Não há outra como ela!”, atira. A 11 de Julho de 2017, completam 52 anos de matrimónio.



VEJA O VÍDEO DA REPORTAGEM EM
www.facebook.com/diocese.braga
www.youtube.com/diocesebraga



“ARREPENDEI-VOS, PORQUE ESTÁ PRÓXIMO O REINO DOS CÉUS”

III DOMINGO COMUM A



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



ITINERÁRIO

ATITUDE MARIANA
Louvor.

CONCRETIZAÇÃO: A mensagem de Jesus é de alegria e de esperança. Assim, a boa nova é para todos: “o povo que andava nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam nas sombras da morte uma luz se levantou”. No início da sua missão salvífica, Jesus chama alguns para seus colaboradores. Jesus quer pessoas que incarnem a sua missão: “Vinde e segui-Me e farei de vós pescadores de homens; eles deixaram logo as redes e seguiram-n’O... deixando o barco e o pai, seguiram-n’O”.

A missão evangelizadora, à qual Jesus chama os seus discípulos (a nós), só será possível se houver unidade. Rezamos, pois, neste Domingo, especialmente pela unidade dos cristãos.

Para sermos colaboradores de Jesus, temos que pedir e promover a unidade. Propomos um arranjo floral à volta do Círio Pascal, colocado ao lado do cartaz do Ano Pastoral.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Cantai ao Senhor um cântico novo*, F. Santos (BML 75-76 | NCT 210)
- **COMUNHÃO:** *Caminhando Jesus*, C. Silva (OC, p. 50)
- **FINAL:** *Eu quero viver na tua alegria*, H. Faria (IC, p. 442; NRMS 11-12 II)

EUCOLOGIA

Orações próprias do domingo III do Tempo Comum (*Missal Romano*, p. 397).

Oração Eucarística V/D (*Missal Romano*, p. 1175).

Bênção sobre o povo n° 20 (*Missal Romano*, p. 573).

VIVER A ALEGRIA

Esta semana vamos viver particularmente unidos a toda a nossa igreja diocesana e vamos rezar todos os dias com especial alegria o *Magnificat* ao jeito de Maria.

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA IS 8, 23B – 9, 3

Leitura do Livro de Isaías

Assim como no tempo passado foi humilhada a terra de Zabulão e de Neftali, também no futuro será coberto de glória o caminho do mar, o Além do Jordão, a Galileia dos gentios. O povo que andava nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam nas sombras da morte uma luz se levantou. Multiplicastes a sua alegria, aumentastes o seu contentamento. Rejubilam na vossa presença, como os que se alegram no tempo da colheita, como exultam os que repartem despojos. Vós quebrastes, como no dia de Madiã, o jugo que pesava sobre o povo, o madeiro que ele tinha sobre os ombros e o bastão do opressor.

SALMO RESPONSORIAL SALMO 26 (27)

Refrão: O Senhor é minha luz e salvação.

Ou: O Senhor me ilumina e me salva.

LEITURA II 1 COR 1, 10-13.17

Leitura da Primeira Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

Irmãos: Rogo-vos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma linguagem e que não haja divisões entre vós, permanecendo bem unidos, no mesmo pensar e no mesmo agir. Eu soube, meus irmãos, pela gente de Cloé, que há divisões entre vós, que há entre vós quem diga: “Eu sou de Paulo”, “eu de Apolo”, “eu de Pedro”, “eu de Cristo”. Estará Cristo dividido? Porventura Paulo foi crucificado por vós? Foi em nome de Paulo que recebestes o Baptismo? Na verdade, Cristo não me enviou para baptizar, mas para anunciar o Evangelho; não, porém, com sabedoria de palavras, a fim de não desvirtuar a cruz de Cristo.

EVANGELHO MT 4, 12-17

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Quando Jesus ouviu dizer que João Baptista fora preso, retirou-Se para a Galileia. Deixou Nazaré e foi habitar em Cafarnaum, terra à beira-mar, no território de Zabulão e Neftali. Assim se cumpria o que o profeta Isaías anunciara, ao dizer: “Terra de Zabulão e terra de Neftali, estrada do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios: o povo que vivia nas trevas viu uma grande luz; para aqueles que habitavam na sombria região da morte uma luz se levantou”. Desde então, Jesus começou a pregar: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos Céus”.

REFLEXÃO

Em plena Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, as palavras de Paulo ressoam com maior actualidade: “Não haja divisões entre vós” (segunda leitura). Os restantes textos bíblicos, cada um à sua maneira, fazem eco da pertinência da unidade da fé: Isaías aponta para um tempo novo, cheio de luz e de alegria (primeira leitura), tempo em que se manifesta a salvação (salmo), tempo que resulta do arrependimento e da proximidade do Reino (evangelho). Sim, em Jesus Cristo, o Reino de Deus está próximo, não conhece fronteiras, é oferecido a todos os que acolhem a sua luz.

“Está próximo o reino dos Céus”

O Terceiro Domingo (Ano A) inicia a leitura contínua do evangelho segundo Mateus. O fragmento proposto remete para as primeiras pregações na Galileia, logo depois do baptismo de Jesus e das tentações no deserto. A primeira intenção é teológica: situar o início da actividade de Jesus numa terra considerada “pagã”, a “Galileia dos gentios”, e anunciar o cumprimento da profecia de Isaías. Aliás, com frequência, surgem citações do Antigo Testamento para mostrar que em Jesus Cristo se cumprem as promessas feitas por Deus ao seu povo. Ele é o Messias prometido e esperado, segundo as Escrituras. Depois, com as palavras já pronunciadas por João Baptista (cf. capítulo 3, versículo 1 e 2), Jesus faz uma proclamação programática: “Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos Céus”. A frase condensa a experiência cristã: é um anúncio (“está perto o reino dos Céus”) ao qual corresponde um convite (“arrependei-vos”). O anúncio traz consigo um apelo à conversão, ao arrependimento, isto é, à necessidade de abrir o coração para acolher a presença, a proximidade de Deus. A fonte é dom gratuito e amoroso de Deus: “está próximo o reino dos Céus”. A nós, compete-nos uma resposta: “arrependei-vos”. A proximidade de Deus, que em Mateus se expressa como “reino dos Céus”, exige uma mudança de vida, um comportamento novo. É o que Jesus (e antes João Baptista) proclama de forma imperativa: se quereis participar do reino dos Céus, arrependei-vos. Exemplo dessa mudança, dessa nova maneira de ser, é o que acontece em seguida com o chamamento/resposta dos primeiros discípulos. Curiosamente, o convite é feito a dois pares de irmãos: Pedro e André, Tiago e João. O anúncio da Boa Nova (“está próximo o reino dos Céus”) completa-se com o chamamento a seguir o Mestre com uma resposta radical dos discípulos (“deixaram logo as redes e seguiram-n’O”; “deixando o barco e o pai, seguiram-n’O”).

Louvor em unidade

“Está próximo o reino dos Céus”. Deus não está fora da história da nossa humanidade, mas dentro dela, está em nós. E percebe-se melhor a sua proximidade quando promovemos a harmonia, a concórdia, o diálogo, o entendimento, a unidade, quando juntos, sem divisões, louvamos as maravilhas de Deus. “É o caminho que conduz a Igreja, com os tempos que Deus dispõe, à plena unidade visível. [...] Acompanhe-nos sempre, neste caminho, a Virgem Maria, Mãe da Igreja” (Bento XVI, *Angelus*, 23 de Janeiro de 2011).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

Preparação penitencial

V/ Senhor Jesus, Luz dos povos, iluminaí as trevas dos nossos medos e pecados.

R/ Senhor, tende piedade de nós!

V/ Cristo Jesus, Corpo ferido pelas nossas divisões, ensinaí-nos a falar a mesma linguagem do amor e unidade.

R/ Cristo, tende piedade de nós!

V/ Senhor Jesus, Palavra de Vida, libertai-nos de todas as redes que nos prendem.

R/ Senhor, tende piedade de nós!

Oração do Pai nosso

Presidente: A Oração litúrgica é sempre formulada com o “nós”: é a voz da Esposa, da Igreja, que louva e suplica numa só voz. Nós, cristãos, rezamos todos a um mesmo Deus, Pai de amor, que nos chama à Unidade e à Paz; num só coração e numa só alma, ousamos dizer...

Cuidados na proclamação da Palavra

1ª leitura: O domínio da respiração permite uma expressão mais viva do texto. Por exemplo, a primeira frase: “Assim como Neftali”. Os incisos devem marcar as enumerações, os apostos e os títulos. Assim, far-se-ão incisos obrigatórios, por exemplo, em “mar”, “Jordão”, “gentios” (2ª frase). A leitura ganha força com a combinação de incisos e pausas (como numa peça musical, as pausas e as respirações também são música).

2ª leitura: O discurso, a argumentação de Paulo, deve aparecer nos lábios do leitor. Leia em casa para alguém (a pontuação escrita nem sempre coincide com a pontuação oral, e esta é que conta, na proclamação da Palavra).

Introdução à Liturgia da Palavra

Nesta semana de Oração pela Unidade dos Cristãos somos convidados a ir com Jesus Cristo, a estar com Ele, a viver e conviver com Ele, mas também com os nossos irmãos, procurando caminhos de Unidade e de Paz.

Deixemos esta luz da Palavra do Senhor entrar e penetrar no nosso coração, para sermos capazes de deixar tudo e seguir Jesus!

ORAÇÃO UNIVERSAL

Irmãos e irmãs, iluminados pela Palavra de Deus, luz que brilha sobre nós, elevemos a Ele as nossas preces, dizendo com toda a confiança:

R. Deus Pai, iluminaí a terra inteira.

1. Pela nossa Diocese e suas comunidades, para que nelas se anuncie aos homens do nosso tempo o apelo urgente da conversão ao Evangelho, oremos.

2. Por todos os que sofrem e desanimam em toda a terra, para que o Senhor venha em seu auxílio e os faça reencontrar a esperança, oremos.

3. Pelos cristãos leigos da nossa Diocese, para que saibam abrir-se ao diálogo fraterno com todas as pessoas que vivem a seu lado, oremos.

4. Pela nossa assembleia dominical, para que o Espírito de Deus dirija a nossa vida e nos faça produzir abundantes frutos de boas obras e de unidade, oremos.

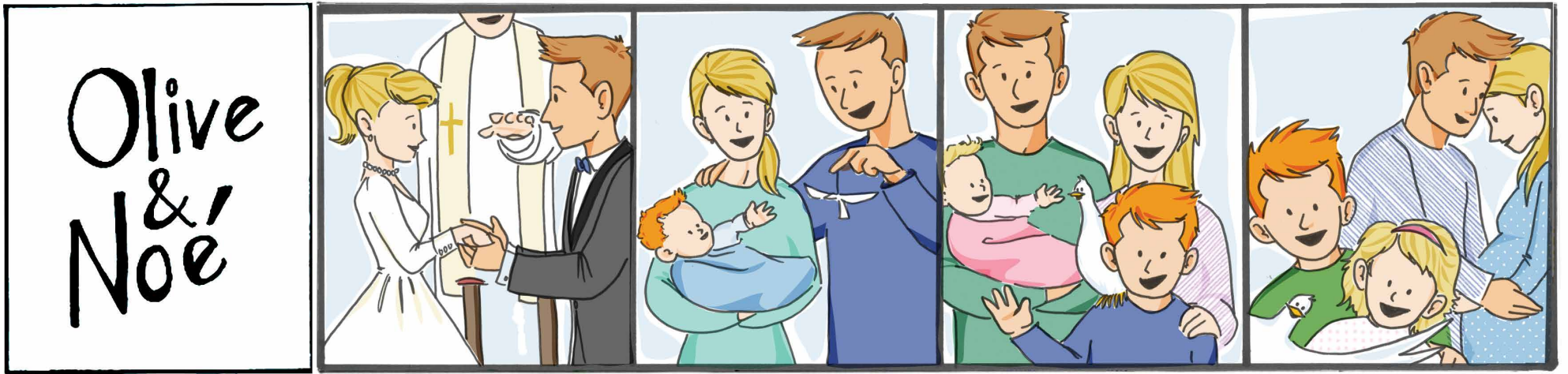
5. Por todos aqueles que vão ajudando a iluminar o caminho da Igreja, dispersa por toda a terra, para que ajudem a lançar as redes como verdadeiros pescadores de homens, levando a palavra de Deus a todas as pessoas. Oremos irmãos.

Senhor, nosso Deus, que por meio do Evangelho chamais todas as pessoas à salvação, livrai-as de todo o mal e fazei-as caminhar para Vós, com inteira liberdade. Por Cristo Senhor nosso.

LABORATORIODAFE

ESTÁ PRÓXIMO
O REINO DOS CÉUS

TERCEIRO DOMINGO, ANO A



Olive & Noé

“Reconciliação: é o amor de Cristo que nos impele.”
2 Cor 5, 14-20

Semana da Unidade pelos Cristãos 18 a 25 de Janeiro 2017

Oração Ecuménica
Basílica dos Congregados
20 Jan | 21h00

BASÍLICA DOS CONGREGADOS ACOLHE ORAÇÃO ECUMÉNICA

No dia 20 de Janeiro, sexta-feira, pelas 21h00, a Basílica dos Congregados acolhe a oração ecuménica.

A iniciativa decorre no âmbito da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, que decorre entre 18 e 25 de Janeiro. O tema da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos de 2017 inspira-se numa passagem da segunda carta de São Paulo aos Coríntios:

“Reconciliação: é o amor de Cristo que nos impele”.

O momento de oração conta com a presença de D. Manuel Felício, Bispo da Guarda e D. Jorge Ortega, Arcebispo Primaz.

A partir das 21h00, as portas da Basílica estarão abertas a todos aqueles que desejarem unir-se em oração pela unidade dos cristãos.

AGENDA

14.01.2017

COLÓQUIO SOBRE A MORTE: "PONTO FINAL. PARÁGRAFO."

15h00 / Real Associação dos Bombeiros Voluntários de Vizela

15.01.2017

CAMINHADA PELO "TRILHO DOS CURRAIS"

08h30 / Centro Pastoral Universitário

18.01.2017

LANÇAMENTO DO LIVRO "LER A BÍBLIA NO SÉCULO XXI"

18h00 / Biblioteca Lúcio Craveiro



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

PROGRAMA SER IGREJA
Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, o Pe. Renato Oliveira, Director do Jornal "Notícias de Viana".

LANÇAMENTO DO LIVRO "DA PARÓQUIA À UNIDADE PASTORAL"

No próximo dia 27 de Janeiro, às 21h00, no Auditório do Centro de Espiritualidade Salesiano, em Balasar, Póvoa de Varzim, decorre a apresentação do livro “Da Paróquia à Unidade Pastoral – Um caminho possível”, da autoria do diácono Vítor Emanuel Pereira Sá. A apresentação da obra está a cargo do Bispo Auxiliar de Braga D. Francisco Senra Coelho. A partir do pensamento do teólogo

Casiano Floristán, o autor defende a constituição das unidades pastorais como “um caminho necessário à edificação de paróquias onde não faltem o sentido de missão e sentimento de pertença”. O livro é o resultado do estudo que o actual diácono, ao serviço na Paróquia de Balasar, realizou para obtenção do grau de mestre na área de Teologia, pela Universidade Católica Portuguesa (Braga).

LANÇAMENTO DO LIVRO

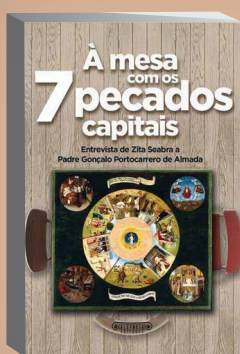
Da Paróquia à Unidade Pastoral
- Um caminho necessário -

Vitor Emanuel Pereira Sá

27 JAN. 21h00

Paróquia de Balasar
Auditório do Centro de Espiritualidade

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



ENTREVISTA DE ZITA SEABRA A GONÇALO PORTOCARRERO

À MESA COM OS 7 PECADOS CAPITAIS

O livro “À mesa com os 7 pecados capitais” assenta numa entrevista de Zita Seabra ao padre Gonçalo Portocarrero de Almada, desta vez sobre uma das obras-primas do pintor holandês Hieronymus Bosch (1450-1516), dedicada aos 7 pecados capitais. Uma entrevista que se torna numa conversa quando Zita e Gonçalo se sentam “à mesa” para falarem abertamente sobre a ira, a soberba, a gula, a luxúria, a preguiça, a vaidade e a inveja. A pintura de Bosch que dá o mote ao livro pertence à colecção do rei Filipe II de Espanha e está neste momento em exposição no Museu do Prado, em Madrid.

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 12 a 19 de Janeiro de 2017.

PVP
12€

10%*
Desconto



LEITOR DE CÓDIGO

Fale connosco no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt